

# Qualidade e Políticas Públicas na Educação 6

Marcia Aparecida Alferes  
(Organizadora)



 **Atena**  
Editora

Ano 2018

**Marcia Aparecida Alferes**  
(Organizadora)

# **Qualidade e Políticas Públicas na Educação**

## **6**

Atena Editora  
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

#### Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

Q1 Qualidade e políticas públicas na educação 6 / Organizadora Marcia Aparecida Alferes. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018. – (Qualidade e Políticas Públicas na Educação; v. 6)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-013-1

DOI 10.22533/at.ed.131181912

1. Aprendizagem. 2. Educação e estado. 3. Prática pedagógica.  
4. Professores – Formação. I. Alferes, Marcia Aparecida. II. Série.

CDD 379.81

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

As práticas pedagógicas ou práticas docentes significam o trabalho que professores realizam com crianças, adolescentes, adultos e idosos, nas salas de aula ou em espaços pedagógicos diversos. Na prática o professor poderá assumir perspectivas bem diferentes daquelas que estão preconizadas na legislação educacional e naquilo que ele aprendeu em sua formação inicial.

A prática pedagógica envolve o conhecimento teórico das áreas disciplinares, mas vai além, como demonstram os artigos contidos neste volume. As práticas envolvem também a organização do espaço pedagógico, o planejamento das atividades que serão realizadas, a relação professor e alunos, alunos e alunos, a avaliação como meio de aprendizagem, o acompanhamento realizado por coordenadores pedagógicos junto aos professores.

Em se tratando da utilização de materiais pedagógicos, alguns artigos abordam que o jogo é o principal recurso no processo do desenvolvimento psicossocial do sujeito de alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Além disso, a prática docente que tende a valorizar e a respeitar os conhecimentos elaborados pelo próprio aluno, efetiva-se mediante diferentes registros (desenhos, relatos, textos e cálculos), mediante a adoção de materiais didáticos diversificados (ábacos, material dourado, sólidos geométricos, embalagens, palitos de sorvete, tampinhas de garrafas, calculadora, computadores, entre outros).

Uma prática fundamentada no conhecimento teórico e alinhada com a utilização de recursos pedagógicos é de fundamental importância para a aprendizagem dos alunos desde que mediada pela ação docente.

**Marcia Aparecida Alferes**

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A GESTÃO PEDAGÓGICA COM FOCO NA QUALIDADE DO ENSINO: CONSTRUINDO ESTRATÉGIAS DE AÇÃO FRENTE ÀS DIFICULDADES DA LEITURA – RELATO DE EXPERIÊNCIA	
<i>Maria das Graças da Silva Reis</i> <i>Lúcia Torres de Oliveira</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1311819121</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>14</b>
A MATEMÁTICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL E NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: O EIXO DA GEOMETRIA	
<i>Leila Pessôa Da Costa</i> <i>Regina Maria Pavanello</i> <i>Sandra Regina D’Antonio Verrengia</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1311819122</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>25</b>
A PRÁTICA DO JORNAL ESCOLAR NO ENSINO SUPERIOR PARA O LETRAMENTO INFORMACIONAL DE FUTUROS EDUCADORES	
<i>Renata de Oliveira Sbrogio</i> <i>Maria da Graça Mello Magnoni</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1311819123</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>40</b>
ACOMPANHAMENTO PEDAGÓGICO COMO FERRAMENTA PARA A PERMANÊNCIA E A CONCLUSÃO COM ÊXITO DOS ESTUDANTES DO CAMPUS PARNAMIRIM/IFRN	
<i>Vânia do Carmo Nóbile</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1311819124</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>58</b>
ANÁLISE DE LITERATURA INFANTIL: PERSPECTIVAS PARA TRABALHO EM SALA	
<i>Bianca de Oliveira</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1311819125</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>66</b>
AS DIFERENÇAS E A SALA DE AULA: DESAFIOS DO PROFESSOR	
<i>Anderson dos Reis Cerqueira</i> <i>Ualace Roberto de Jesus Oliveira</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1311819127</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>73</b>
AS HABILIDADES E COMPETÊNCIAS EM MATEMÁTICA DOS ALUNOS DE PRIMEIRA SÉRIE EM UMA ESCOLA ESTADUAL DO RN	
<i>Elcio Correia de Souza Tavares</i> <i>Ângela Maria Ribeiro de Lima Farias</i> <i>Graziella Nonato Tobias Duarte</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1311819128</b>	

**CAPÍTULO 8 ..... 81**

ATRIBUIÇÕES, DIFICULDADES E SATISFAÇÃO DE COORDENADORES PEDAGÓGICOS DE UM MUNICÍPIO CEARENSE

*Gleíza Guerra de Assis Braga*  
*Antonio Nilson Gomes Moreira*  
*Glaucia Mirian de Oliveira Souza Barbosa*

**DOI 10.22533/at.ed.1311819129**

**CAPÍTULO 9 ..... 94**

BASE NACIONAL CURRICULAR COMUM E ENSINO DE CIÊNCIAS: UMA ANÁLISE DE IMAGENS E TEXTOS DA LITERATURA INFANTIL COMO POSSIBILIDADE DE PRÁTICA PEDAGÓGICA NA CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS EM ASTRONOMIA

*Erica de Oliveira Gonçalves*  
*Marinês Verônica Ferreira*

**DOI 10.22533/at.ed.13118191210**

**CAPÍTULO 10 ..... 104**

COMO CONTRIBUIR NA CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE POSITIVA DE CRIANÇAS NEGRAS ENQUANTO EDUCADOR BRANCO

*Thais Stefani Donato Lima*  
*Kênia Kemp*

**DOI 10.22533/at.ed.13118191211**

**CAPÍTULO 11 ..... 121**

CRIANÇAS DA NOVA ERA - UMA VISÃO DA PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO E DA EDUCAÇÃO

*Irani Campos Marchiori*  
*Virgínia de Mauro Faccio Gonçalves Dias*

**DOI 10.22533/at.ed.13118191212**

**CAPÍTULO 12 ..... 131**

CURRÍCULO E PLANEJAMENTO: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA A APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

*Darlan Daniel Marcelino de Campos Pereira*  
*Fabiana Meireles de Oliveira*  
*Fatima Ramalho Lefone*  
*José Aluísio Vieira*  
*Mirian Nere*  
*Rodrigo Leite da Silva*

**DOI 10.22533/at.ed.13118191213**

**CAPÍTULO 13 ..... 135**

DIVERSIDADE ÉTNICA BRASILEIRA: COMUNIDADE RIBEIRINHA ROSA DE SARON, AM

*Germana Ponce de Leon Ramírez*  
*Ariana Dias Machado Tavares Alves*  
*Suellen Contri Mazzo*  
*Vanessa Pires Rocha Barbosa*

**DOI 10.22533/at.ed.13118191214**

**CAPÍTULO 14 ..... 145**

ESTRATEGIAS PEDAGÓGICAS PARA A SUPERAÇÃO DO ANALFABETISMO FUNCIONAL

*Veruska Ribeiro Machado*  
*Rosa Amélia Pereira da Silva*

**DOI 10.22533/at.ed.13118191215**

<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>163</b>
EXERCÍCIO DOCENTE NA PRISÃO POR PROFESSORES DA REDE ESTADUAL DE SÃO PAULO: FORMAÇÃO E CONDIÇÕES DE TRABALHO	
<i>Andressa Baldini da Silva</i> <i>Marieta Gouvêa de Oliveira Penna</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.13118191216</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>175</b>
INTERDISCIPLINARIDADE: UMA EXPERIÊNCIA NO CURSO PROEJA DE TÉCNICO EM EDIFICAÇÕES	
<i>Láisse Silva Lemos</i> <i>Carmencita Ferreira Silva Assis</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.13118191217</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>183</b>
INTERFACE ENTRE SAÚDE E EDUCAÇÃO: OPORTUNIDADES DE ENRIQUECIMENTO CURRICULAR PARA ALUNOS COM ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO	
<i>Edson Manoel dos Santos</i> <i>Ana Paula Pacheco Moraes Maturana</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.13118191218</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>198</b>
JOGO: POSSIBILIDADES DE DESENVOLVER AÇÕES AFIRMATIVAS NO ATO DE ENSINAR	
<i>Isabela Natal Milak</i> <i>Sonia Regina Silveira Gonçalves</i> <i>Vidalcir Ortigara</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.13118191219</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>213</b>
MATERIAIS ACESSÍVEIS PARA O ENSINO DE CIÊNCIAS NATURAIS: PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS	
<i>Danielle Rodrigues Monteiro da Costa</i> <i>Airton dos Reis Pereira</i> <i>Mirian Rosa Pereira</i> <i>Elzonete Silva Cunha</i> <i>Odinete Dias Vieira</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.13118191220</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>222</b>
O LADO COLORIDO DA PROGRESSÃO CONTINUADA	
<i>Vicente de Paulo Morais Junior</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.13118191221</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>233</b>
O QUE DEVE SER MUDADO NA NOSSA DIDÁTICA PARA ATENDER O ALUNO ATUAL DA ESCOLA?	
<i>Cilmara Cristina Rodrigues Mayoral Brunatti</i> <i>Alessandra de Moraes</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.13118191222</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>240</b>
O TRABALHO DOCENTE DIANTE DAS ADVERSIDADES: A (IN)DISCIPLINA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	
<i>Liane Nair Much</i> <i>Weliton Martins da Silva</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.13118191223</b>	

<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>249</b>
O USO DE JOGOS NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA LEITURA E ESCRITA: UM PANORAMA DAS PESQUISAS BRASILEIRAS	
<i>Talita Silva Perussi Vasconcellos</i> <i>Rosimeire Maria Orlando</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.13118191224</b>	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>259</b>
PARCERIA DO FONOAUDIÓLOGO NO PROCESSO DE CAPACITAÇÃO DO PROFESSOR DO ALUNO SURDO	
<i>Ana Claudia Tenor</i> <i>Débora Deliberato</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.13118191225</b>	
<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>273</b>
PRÁTICA PEDAGÓGICA: IMPORTÂNCIA MICROBIOLÓGICA DA HIGIENIZAÇÃO DAS MÃOS	
<i>Wellington Alves Piza</i> <i>Camila Maria De Souza Silva</i> <i>Rafaela Franco Dias Bruzadelli</i> <i>Leticia Marques Ruzzi</i> <i>Gabriella Ramos de Menezes Flores</i> <i>Poliana de Faria Cardoso</i> <i>Talita Amparo Tranches Candido</i> <i>Caroline de Souza Almeida</i> <i>Ingridy Simone Ribeiro</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.13118191226</b>	
<b>CAPÍTULO 26</b> .....	<b>277</b>
PRECONCEITO E LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA: O QUE SINALIZAM ADULTOS SURDOS SENDO ESCOLARIZADOS	
<i>Giselly dos Santos Peregrino</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.13118191227</b>	
<b>CAPÍTULO 27</b> .....	<b>286</b>
PROCESSOS DE LEITURA EM ESCOLARES: AVALIAÇÃO EM UM CENTRO ESPECIALIZADO EM REABILITAÇÃO CER II/UNESC	
<i>Ana Júlia Rosa</i> <i>Lisiane Tuon</i> <i>Angela Cristina Di Palma Back</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.13118191228</b>	
<b>CAPÍTULO 28</b> .....	<b>295</b>
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE PROFESSORES SOBRE ESCOLA ESPECIAL E ESCOLA REGULAR	
<i>Juliana Gisele da Silva Nalle</i> <i>Claudionei Nalle Jr</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.13118191229</b>	
<b>CAPÍTULO 29</b> .....	<b>303</b>
SENSIBILIZAR PARA EDUCAR: TRABALHANDO A SENSIBILIZAÇÃO DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL PARA A PROMOÇÃO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL	
<i>Paulo Ivo Silva de Medeiros</i> <i>Maria Luisa Quinino de Medeiros</i> <i>Leandro dos Santos</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.13118191230</b>	



<b>CAPÍTULO 30</b> .....	<b>314</b>
TIPOLOGIA DE ERROS ORTOGRÁFICOS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO	
<i>Marília Piazzini Seno</i>	
<i>Thaís Contiero Chiaramonte</i>	
<i>Simone Aparecida Capellini</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.13118191231</b>	
<b>CAPÍTULO 31</b> .....	<b>321</b>
UM EXERCÍCIO DE TRANSPOSIÇÃO DIDÁTICA NO CAMPO DE LETRAS/INGLÊS: CONDUÇÃO E DESDOBRAMENTOS FORMATIVOS	
<i>Vivian Mendes Lopes</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.13118191232</b>	
<b>CAPÍTULO 32</b> .....	<b>328</b>
UMA PROPOSTA DE ENSINO DO HANDEBOL PARA AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA	
<i>Isabella Blanche Gonçalves Brasil</i>	
<i>Eliane Isabel Julião Fabri</i>	
<i>Talita Fabiana Roque da Silva</i>	
<i>Lilian Aparecida Ferreira</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.13118191233</b>	
<b>CAPÍTULO 33</b> .....	<b>338</b>
UMA REFLEXÃO ACERCA DO ENSINO SOBRE OS POVOS INDÍGENAS E A PRÁTICA DOCENTE NÃO INDÍGENA	
<i>Vivian Cristina Balan Fiuza</i>	
<i>Germana Ponce de Leon Ramirez</i>	
<i>Isabella Loreto Viva</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.13118191234</b>	
<b>CAPÍTULO 34</b> .....	<b>348</b>
HISTÓRIA, POLÍTICA E EDUCAÇÃO NO CINEMA DE BERNARDO BERTOLUCCI	
<i>José de Sousa Miguel Lopes</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.13118191235</b>	
<b>CAPÍTULO 35</b> .....	<b>357</b>
O ENSINO DE TEATRO NOS INSTITUTOS FEDERAIS: A METADRAMATURGIA COMO ELEMENTO DE EXPLORAÇÃO DA LINGUAGEM	
<i>Rebeka Carocha Seixas</i>	
<i>Maria Eduarda Oliveira Félix da Silva</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.13118191236</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>364</b>

## INTERFACE ENTRE SAÚDE E EDUCAÇÃO: OPORTUNIDADES DE ENRIQUECIMENTO CURRICULAR PARA ALUNOS COM ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO

**Edson Manoel dos Santos**

Secretaria Municipal de Educação de São Paulo,  
EMEF Jardim Monte Belo  
São Paulo, SP

**Ana Paula Pacheco Moraes Maturana**

Universidade Estadual Paulista – UNESP  
Bauru, SP

**RESUMO:** A Educação Especial vem ganhando cada vez mais espaço nas discussões sobre educação na realidade das escolas brasileiras. Parte integrante da categoria de alunos público alvo da educação especial, os alunos com altas habilidades/superdotação representam de 3 a 5% da população, mas dificilmente são identificados e suas habilidades potencializadas. Estes alunos passam despercebidos e podem apresentar problemas de comportamento e até dificuldades de aprendizagem em algumas áreas sendo encaminhados para as unidades de saúde. O presente trabalho teve o objetivo de analisar como a interface entre saúde e educação pode apresentar uma oportunidade de enriquecimento curricular para alunos com altas habilidades/ superdotação. Para tal foi realizado uma contextualização da temática e uma pesquisa com 16 profissionais da saúde que responderam a um questionário sobre a atuação dos profissionais de saúde nas escolas, qual a percepção que os profissionais têm dos

alunos encaminhados pelas escolas e sobre as possibilidades de parceria para o enriquecimento curricular dos alunos. Os profissionais de saúde desenvolvem ações de educação em saúde com foco em saúde ambiental, sexualidade, vacinação e avaliação antropométrica. No olhar dos profissionais de saúde, 75% dos alunos encaminhados para a UBS tinham problemas de aprendizagem e comportamentais, também 75% dos profissionais acreditam que os alunos encaminhados apresentam potencial de AH/SD. Conclui-se que a UBS pode contribuir com um olhar ampliado na avaliação dos alunos e que pode colaborar na realização de atividades de enriquecimento curricular.

**PALAVRAS-CHAVE:** Altas Habilidades. Superdotação. Programa Saúde na Escola. Enriquecimento Curricular. Parcerias.

**ABSTRACT:** Special Education has been winning more space in discussions about education in the reality of Brazilian schools. Part of the target group of special education students, students with giftedness account for 3 to 5% of the population, but are hardly identified and their skills enhanced. These students go unnoticed and may present behavioral problems and even learning difficulties in some areas being referred to the health units.

This study aimed to identify how the interface between health and education can present

an opportunity for curricular enrichment for students with giftedness. For that, a contextualization of the thematic was carried out and a research with 16 health professionals who answered a questionnaire about the health professionals 'performance in schools, the perception that the professionals have of the students sent by the schools and the possibilities of partnership for the students' curricular enrichment participated in the study. Health professionals develop health education actions focused on environmental health, sexuality, vaccination and anthropometric evaluation. In the health professionals' view, 75% of the students referred to the UBS had learning and behavioral problems, and 75% of the professionals believe that the students referred have giftedness potential. It is concluded that UBS can contribute with an extended view in the evaluation of the students and that can collaborate in the accomplishment of curricular enrichment activities.

**KEYWORDS:** Giftedness Health in School Program. Curricular Enrichment. Partnerships.

## 1 | INTRODUÇÃO

As políticas públicas de educação progrediram nas últimas décadas, mas ainda há muito que se discutir e evoluir em relação ao acesso e a permanência dos estudantes público alvo da educação especial (PAEE) nas escolas regulares. Dados do Censo Escolar 2015, apontam que no ano de 2008 apenas 31% das escolas brasileiras tinham estudantes PAEE em classes regulares, em 2015 este índice era de 56,6% (BRASIL, 2016). Ainda assim, pode-se observar que o maior número de matrículas do PAEE é relacionado à alunos com deficiência intelectual, deficiência física e com transtornos globais de desenvolvimento. O estudante com indicadores de Altas Habilidades/Superdotação (AH/SD), que também é público da educação especial, passa despercebido aos olhos dos professores, principalmente em escolas de periferia, onde muitos docentes acreditam não haver alunos com este potencial (AZEVEDO; METTRAU, 2010).

Os indivíduos com potencial para comportamento superdotado são aqueles que possuem ou são capazes de desenvolver este conjunto de traços e aplicá-los a qualquer área potencialmente valiosa do desempenho humano. Estes são capazes de desenvolver uma interação entre os três grupamentos de traços e, para tal, exigem uma ampla variedade de oportunidades e serviços educacionais que normalmente não são oferecidos nos programas regulares de ensino, pelo menos no Brasil (RENZULLI, 2014). Para Chacon, et al, (2017), o trabalho com estudantes com AH/SD requer modificações no currículo regular, participação em tutoriais e atividades suplementares/enriquecimento, além da necessidade de trabalhar de modo cooperativo com outros profissionais envolvidos no processo.

Para a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação

Inclusiva (BRASIL, 2008), os alunos com alunos com AH/SD são aqueles que demonstram potencial elevado em qualquer uma das seguintes áreas, isoladas ou combinadas: intelectual, acadêmica, liderança, psicomotricidade e artes. Também apresentam elevada criatividade, grande envolvimento na aprendizagem e realização de tarefas em áreas de seu interesse.

Lombardi, et al, (2016), aborda a necessidade de estreitar a relação entre as áreas da educação e saúde, pois embora exista um direcionamento do Ministério da Educação sobre o atendimento aos alunos com necessidades especiais, há diversos outros transtornos mentais leves não considerados pela política inclusiva do Ministério que são atendidos pelos serviços de saúde e podem ser agravados no futuro quando não acompanhados de maneira adequada pelos dois serviços, incluindo as AH/SD.

Para Azevedo e Mettrau (2010), em relação ao universo escolar, o estudante com AH/SD normalmente passa despercebido pela escola, seja porque é um ótimo estudante, que tira boas notas, não atrapalha a aula e não dá trabalho ao professor, ou então porque é um estudante que chama a atenção para si, interrompe a aula, tumultua. Neste caso, será identificado pela sua indisciplina e não pelo seu potencial a ser desenvolvido. Há também o imaginário popular que diz que um estudante com AH/SD precisa ser um gênio, ser ótimo em todas as disciplinas, saber tudo e, principalmente, que este estudante não está na periferia, não está nas escolas públicas, que só iremos encontrá-lo nas escolas particulares e nas famílias de alto poder aquisitivo. Rolim, et al, 2017, reforçam que AH/SD não podem ser considerados exclusivamente como sinônimo de QI Alto.

De acordo com o Ministério da Educação “Estudos estatísticos indicam que aproximadamente 3 a 5% da população apresentam potencial acima da média estimada, em diversos contextos sociais” (BRASIL, 2006 p.19). Contudo, a maior dificuldade encontrada atualmente é sua identificação e o oferecimento de uma educação especializada e de qualidade (AZEVEDO; METTRAU, 2010). O trabalho de identificação precisa e deve ser realizado pela equipe escolar, por um grupo de docentes qualificados e capacitados com serviços de apoio à escola e na elaboração de parcerias (AZEVEDO; METTRAU, 2010). Por exemplo, em um trabalho de enriquecimento curricular é importante à presença de vários atores, que podem apresentar novos olhares e perspectivas aos estudantes, como por exemplo, as Unidades Básicas de Saúde (UBS) por meio do Programa Saúde na Escola (PSE).

As parcerias na identificação podem colaborar para diminuir as falhas na identificação errônea devido à falta de instrumentos e profissionais que avaliem as habilidades dos alunos, principalmente a não acadêmica, como por exemplos, as habilidades para liderança e musicais, antes de encaminharem os alunos para programas de enriquecimento (MENDONÇA; MENCIA; CAPELLINI, 2015).

O PSE vem contribuir para o fortalecimento de ações na perspectiva do desenvolvimento integral e proporcionar à comunidade escolar a participação em programas e projetos que articulem saúde, educação, cultura de paz e em outras

redes sociais para o enfrentamento das vulnerabilidades que comprometem o pleno desenvolvimento de crianças, adolescentes, jovens e adultos estudantes brasileiros. Essa iniciativa reconhece e acolhe as ações de integração entre Saúde e Educação já existentes e que têm impactado positivamente na qualidade de vida dos educandos (BRASIL, 2015).

A participação de profissionais da saúde no âmbito escolar envolve práticas importantes e necessárias ao processo de educação inclusiva, tanto em relação ao auxílio à instituição escolar e aos professores, quanto ao manejo adequado às questões específicas que o aluno requer no ambiente escolar além da orientação à sua família (SILVA JÚNIOR, GODOY E LINS, 2016).

O trabalho de promoção à saúde que deve ser desenvolvido pelas equipes das UBS nas escolas parceiras, por meio do PSE pode ser uma das estratégias de enriquecimento curricular propostas aos estudantes com indicadores de AH/SD. Neste sentido, a parceria Saúde e Educação pode ser realizada em diversas perspectivas de educação em saúde e saúde ambiental potencializando o enriquecimento curricular proposto pela equipe pedagógica da escola.

## 1.1 Objetivos

Sendo assim, o presente trabalho objetivou analisar como a interface entre saúde e educação pode apresentar uma oportunidade de enriquecimento curricular para alunos com altas habilidades/ superdotação.

## 2 | CONTEXTUALIZANDO O TEMA

### 2.1 O aluno com Altas Habilidades/Superdotação

O movimento mundial pela inclusão é uma ação política, cultural, social e pedagógica, desencadeada em defesa do direito de todos os alunos de estarem juntos, aprendendo e participando, sem nenhum tipo de discriminação. A educação inclusiva constitui um paradigma educacional fundamentado na concepção de direitos humanos, que conjuga igualdade e diferença como valores indissociáveis, e que avança em relação à ideia de equidade formal ao contextualizar as circunstâncias históricas da produção da exclusão dentro e fora e escola (BRASIL, 2008). A discussão sobre a Educação Especial foi ampla na década de 1980, o que resultou em avanços do direito à educação dos alunos com deficiência, mais ainda pouco sobre o direito do aluno com AH/SD, que também é Público Alvo da Educação Especial (REIS; RONDINI, 2016).

O aluno com AH/SD, apresenta um conjunto de competências acima da média da população e, para que se desenvolva plenamente, necessita de Atendimento Educacional Especializado. Em muitos casos, os conteúdos abordados na série compatível com sua idade cronológica podem ser aquém do seu potencial. Por isso,

podem se desinteressar pelas aulas, apresentar baixo rendimento escolar e até mesmo comportamentos inadequados, que podem ser confundidos com hiperatividade e/ou déficit de atenção. Nesse sentido, algumas estratégias são indicadas para esse público, como a aceleração e o aprofundamento e/ou enriquecimento curricular (REIS; RONDINI, 2016).

Entre as diversas estratégias de enriquecimento que podem ser adotadas, uma delas é o Modelo Triádico proposto com Renzulli em 1977. O Modelo prevê a realização de atividades de enriquecimento curricular do Tipo I, II e III. As atividades de enriquecimento do Tipo I vão apresentar aos alunos uma ampla variedade de disciplinas, temas, profissões, hobbies, pessoas, locais e eventos que normalmente não são inseridos no currículo regular. Este enriquecimento pode ser apresentado para todos os alunos ou para um determinado grupo que já tenha manifestado interesse no tema. O enriquecimento curricular Tipo II, inclui materiais e métodos elaborados para promover o desenvolvimento de processos de pensamento e sentimento. Promove o desenvolvimento do pensamento criativo e a solução de problemas e processos afetivos, pesquisa em nível avançado, habilidades de comunicação escrita, oral e visual, além do desenvolvimento de atividades específicas focadas no interesse dos alunos. No Tipo III, os alunos assumem o papel de pesquisador de primeira categoria e vão dedicar tempo e esforços na aquisição e produção de conteúdo e conhecimento avançado em determinada área. As atividades do Tipo III podem ser realizadas de forma individual ou em pequenos grupos (RENZULLI, 2014).

O enriquecimento curricular do estudante com AH/SD precisa ser planejado respeitando seus gostos e interesses, como também habilidades que precisam ser melhor desenvolvidas, de qualquer forma, precisa ser atraente e prazeroso ao aluno, e não um “fardo” a ser carregado. Entre as diversas possibilidades de atividades a serem planejadas para estes alunos, uma delas é a parceria com as UBS, que através do PSE, tem muito a colaborar com atividades de enriquecimento curricular, sejam elas do Tipo I, II ou III.

## **2.2 A parceria entre saúde e educação**

A relação entre os setores de Educação e de Saúde possui muitas afinidades no campo das políticas públicas por serem baseados na universalização de direitos fundamentais e com isso favorecem maior proximidade com os cidadãos nos diferentes cantos do país. Afinidade que, historicamente, já foi unidade, pelo menos no caso do Brasil, quando na década de 50 do século passado que o então Ministério da Educação e Saúde (MES) se desdobrou em dois: no Ministério da Saúde e no Ministério da Educação e Cultura, com autonomia institucional para elaboração e implantação de políticas em suas áreas. Na ocasião, as ações desenvolvidas pelo Departamento Nacional de Saúde, do antigo MES, passaram a ser responsabilidade do Ministério da Saúde (BRASIL, 2009).

A saúde entrava na escola para produzir uma maneira de conduzir-se, de “levar a vida”, baseada no ordenamento dos corpos a partir da medicalização biológica e/ou psíquica dos fracassos do processo ensino-aprendizagem. Uma relação totalmente voltada a questão do diagnóstico das patologias “apresentadas” pelos alunos seguido da medicalização necessária, uma relação que nem sempre foi harmoniosa. (FREITAS, 2016, FIGUEIREDO; MACHADO; ABREU, 2010). No entanto, esta não era nem é a única opção para trabalhar no encontro da educação com a saúde, ou seja: na implementação de políticas públicas e/ou propostas de ações intersetoriais que articulem as unidades de saúde às unidades escolares. Ao contrário, como reação de educadores e sanitaristas, surgiram outros modos de entender o estreito vínculo entre a produção do conhecimento e um viver saudável, os quais se centram no conceito ampliado de saúde, na integralidade e na produção de cidadania e autonomia (BRASIL, 2009).

A escola como um espaço de relações é ideal para o desenvolvimento do pensamento crítico e político, à medida que contribui na construção de valores pessoais, crenças, conceitos e maneiras de conhecer o mundo e interfere diretamente na produção social da saúde. As práticas em Educação e Saúde devem considerar os diversos contextos com o objetivo de realizar construções compartilhadas de saberes sustentado pelas histórias individuais e coletivas, com papéis sociais distintos – professores, educandos, merendeiras, porteiros, pais, mães, avós, entre outros sujeitos –, produzindo aprendizagens significativas e ratificando uma ética inclusiva. Desse modo, dimensionando a participação ativa de diversos interlocutores/sujeitos em práticas cotidianas, é possível vislumbrar uma escola que forma cidadãos críticos e informados com habilidades para agir em defesa da vida e de sua qualidade, e que devem ser compreendidos pelas equipes de Atenção Básica em suas estratégias de cuidado (BRASIL, 2015).

Nesta perspectiva, o PSE, foi instituído pelo Decreto Presidencial nº 6.286, de 5 de dezembro de 2007, resulta do trabalho integrado entre o Ministério da Saúde e o Ministério da Educação, na intenção de ampliar as ações específicas de saúde aos alunos da rede pública de ensino: Ensino Fundamental, Ensino Médio, Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, Educação de Jovens e Adultos (BRASIL, 2008). Entre suas diretrizes, destaca-se a que diz:

IV. Interdisciplinaridade e intersetorialidade, permitindo a progressiva ampliação da troca de saberes entre diferentes profissões e a articulação intersetorial das ações executadas pelos sistemas de Saúde e de Educação, com vistas à atenção integral à saúde de crianças e adolescentes (BRASIL, 2015, p.9).

A relação entre os adolescentes e os profissionais de saúde ainda é limitada, sendo a proposta do PSE uma oportunidade para estabelecer e manter um vínculo pautado na coresponsabilização e em uma postura de confiança entre adolescentes e as equipes de saúde da família. A implantação do PSE permite aos profissionais de

saúde a percepção do seu papel social de educador e possibilita aos adolescentes maior contato com a equipe da unidade de saúde (SANTIAGO, et al, 2012).

A escola deve ser entendida como um espaço de relações, um espaço privilegiado para o desenvolvimento crítico e político, contribuindo na construção de valores pessoais, crenças, conceitos e maneiras de conhecer o mundo e interfere diretamente na produção social da saúde. No contexto situacional do espaço escolar, encontram-se diferentes sujeitos, com histórias e papéis sociais distintos, que produzem modos de refletir e agir sobre si e sobre o mundo e que devem ser compreendidos pelas equipes de Saúde da Família em suas estratégias de cuidado (BRASIL, 2009). Neste contexto, a escola se torna um importante aliado na estratégia de fortalecimento da Atenção Primária à Saúde (SANTIAGO, et al, 2012).

### **2.3 O Programa Saúde na Escola**

O PSE tem como objetivos promover a saúde e a cultura da paz, enfatizando a prevenção de agravos à saúde; articular ações do setor da saúde e da educação, aproveitando o espaço escolar e seus recursos; fortalecer o enfrentamento das vulnerabilidades desta clientela; e incentivar a participação comunitária contribuindo para a formação integral dos estudantes da rede básica (BRASIL, 2007; BRASIL, 2009). O PSE proporciona uma relação de parceria entre os serviços de educação e de saúde que vai além da questão curativa, dá busca ativa da doença, do diagnóstico e da proposição de tratamentos, bem como não veio para solucionar todas as dúvidas dos professores ou minimizar o encaminhamento dos alunos para a unidade de saúde. O PSE visa o estreitamento de relações e a proximidade no cuidado com a saúde integral dos estudantes em parceria com a escola, fomentando o cuidado dos alunos com sua saúde. O PSE propõe a troca de experiências e saberes, o cuidado com a saúde e o olhar para o território, além da avaliação clínica, o Programa interage com alunos, professores e pais de alunos na perspectiva da educação em saúde, na ampliação do cuidado, desenvolvendo atividades que fomentem a reflexão sobre a prevenção de agravos e a promoção da qualidade de vida.

Neste sentido, o PSE constitui uma possibilidade de suprimento de uma necessidade há tempos discutida: o fortalecimento da integração entre os setores educação e saúde, promovendo a intersetorialidade apregoada pelo Sistema Único de Saúde e a corresponsabilização entre estes setores, habituados a trabalhar isoladamente (SANTIAGO, et al, 2012). O PSE também veio fortalecer a Rede de Atenção à Saúde, proporcionando a criação de uma rede que vai além dos serviços tradicionais de saúde, ao incluir novos serviços e espaços que também são provedores de saúde e de doenças, dependendo da maneira como cuidamos do ambiente escolar.

A parceria entre os serviços de educação e saúde, passa a ser fundamental para ampliar o olhar de todos os envolvidos neste processo para a maneira de como a educação pode fomentar a saúde, bem como a saúde pode fomentar processos



educativos, proporcionando mais cuidado, responsabilidade individual com a saúde e qualidade de vida para toda uma comunidade.

### **3 | METODOLOGIA**

Trata-se de pesquisa descritiva, de acordo com Gil (2010).

#### **3.1 Local**

A pesquisa foi realizada com profissionais de uma UBS da cidade de São Paulo que atuam no desenvolvimento das atividades do PSE em Escolas Municipais de Ensino Fundamental. A UBS é uma unidade de saúde do modelo assistencial Estratégia Saúde da Família, composta por 03 Equipes de Saúde da Família, sendo que cada equipe é composta por 06 Agentes Comunitários de Saúde (ACS), 02 Auxiliares de Enfermagem (AE), 01 Enfermeiro e 01 Médico.

A UBS conta com apoio de uma equipe multiprofissional NASF e PAVS. A equipe NASF (Núcleo de Apoio à Saúde da Família) é composta por 01 Fisioterapeuta, 01 Terapeuta Ocupacional, 01 Nutricionista, 01 Psicólogo, 01 Médico Pediatra, 01 Médico Ginecologista e 01 Assistente Social. O PAVS (Programa Ambientes Verdes e Saudáveis) é composto por 01 Agente de Promoção Ambiental (APA) e 01 Gestor Ambiental.

#### **3.2 Participantes**

Os participantes da pesquisa foram 16 profissionais de saúde, sendo eles: 09 ACS, 01 APA, 03 AE, 02 Enfermeiras e 01 Fonoaudióloga. A fim de resguardar a identidade dos participantes, estes são identificados no trabalho com letras e números, sendo P1 a P9 ACS, P10 APA, P11 a P13 AE, P14 e P15 Enfermeiras e P16 Fonoaudióloga.

Eles foram selecionados por atuarem em escolas no desenvolvimento das ações do PSE, na avaliação clínica dos alunos, avaliação antropométrica, atualização da carteira de vacinação, discussão de casos de alunos com dificuldades de aprendizagem e a realização de atividades educativas de educação em saúde para alunos, pais e professores.

#### **3.3 Instrumento**

Foi elaborado um instrumento de pesquisa com 04 perguntas abertas aplicadas aos profissionais de saúde participantes da pesquisa com o objetivo de identificar as atividades já desenvolvidas por eles nas escolas parceiras, a existência de alunos com AH/SD nas escolas e as possibilidades de atuação da UBS em propostas de enriquecimento curricular. Esse instrumento passou pela avaliação de juízes da área

e aplicação de piloto.

### **3.4 Procedimentos para a coleta e seleção de dados**

Os dados foram coletados após reuniões de rotina da UBS e aplicada ao mesmo tempo para todos os participantes. Todos receberam as mesmas instruções e responderam de forma individual a pesquisa.

### **3.5 Procedimentos para a análise de dados**

Os dados foram analisados considerando as palavras chave em cada uma das respostas, buscando um agrupamento por temas semelhantes. Em alguns trechos foi utilizado a transcrição literal de algumas respostas de modo a ajudar a elucidar as conclusões alcançadas. A análise das respostas, seguiu a lógica do Mapa de Associação de Ideias de Mary Jane Spink (2010).

### **3.6 Procedimentos Éticos**

O projeto de pesquisa obteve aprovações em Comitê de Ética em Pesquisa, da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC), UNESP, campus de Marília e cadastrada na Plataforma Brasil sob o nº 64353216.6.0000.5406, cujo parecer é de nº 1.939.831 datado de 23 de fevereiro de 2017. Vale ressaltar que esta pesquisa respeita as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, registradas na Resolução nº 422 do CONEP.

## **4 | RESULTADOS E DISCUSSÕES**

As respostas dos participantes foram analisadas considerando as questões norteadoras, sendo agrupadas em quatro eixos: (1) Atividade desenvolvida pelos profissionais da UBS no PSE; (2) Características dos alunos encaminhados pelas escolas; (3) AH/SD nos alunos encaminhados para a UBS e (4) Presença de alunos com AH/SD em escolas parceiras do PSE e possibilidade de atuação. Para o presente trabalho foram analisados os eixos 1 e 4. Algumas respostas apresentadas na íntegra foram destacadas no formato *itálico* para representar melhor a opinião do participante.

### **4.1 Atividade desenvolvida pelos profissionais da UBS no PSE**

As respostas perimiram caracterizar a atuação dos profissionais da UBS entrevistados em relação às escolas.

*Agente Comunitário de Saúde (ACS) e Agente de Promoção Ambiental (APA)*

Ações de educação em saúde sobre ciclo de vida e manejo do mosquito *Aedes aegypti* e os principais sintomas das doenças transmitidas por ele; ciclo de vida e manejo de outros animais sinantrópicos como ratos, baratas e pombos e sua importância para a saúde. Uso racional da água e as doenças de veiculação hídrica, sexualidade voltada à orientação sobre a gravidez na adolescência e métodos contraceptivos e rodas de conversa sobre intolerância religiosa.

#### *Auxiliares de Enfermagem*

Avaliação Antropométrica e verificação e atualização da carteira de vacinação.

#### *Enfermeiros*

Enfermeiros realizam a avaliação antropométrica e a atualização da carteira de vacinação, desenvolvem rodas de conversa com os alunos sobre alimentação saudável, deficiência física, biopirataria, uso de drogas ilícitas, *bullying* e intolerância religiosa.

#### *Fonoaudiólogos*

A participação da fonoaudióloga foi no apoio às enfermeiras em rodas de conversa com professores para a discussão de casos de alunos antes de serem encaminhados para os serviços da rede de saúde, como por exemplo, os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) e para Ambulatórios de Especialidades, conforme a necessidade.

As ações realizadas por ACS e APA estão no âmbito das ações de educação em saúde, que são atividades educativas com o objetivo de sensibilizar e orientar os alunos para temas que são pertinentes ao território do entorno da escola e que de alguma forma podem resultar em agravos à saúde, conforme preconizado no PSE. Os AE são responsáveis por identificar alunos que estejam acima ou abaixo do peso esperado ou com a carteira de vacinação desatualizada para encaminhá-los ao atendimento necessário na unidade de saúde. Os enfermeiros também realizam ações de educação em saúde e avaliação clínica dos alunos, mas direcionam suas ações nas escolas principalmente nas discussões de casos de alunos que são identificados pelos professores com problemas de comportamento ou de aprendizagem, que juntamente com a fonoaudióloga, conseguem obter maiores informações sobre os alunos, avaliar a necessidade de agendamento de atendimento na unidade de saúde e até de buscar serviços como o CAPS para dar continuidade no tratamento e acompanhamento dos alunos.

As atividades desenvolvidas sobre educação em saúde se enquadram no Modelo de Enriquecimento para toda a Escola (REZULLI, 2014) e com atividades de enriquecimento do Tipo I e II (REIS; PÉREZ; FREITAS, 2015) pois podem ser aplicadas para todos os estudantes e não apenas para os já identificados com indicadores de

#### 4.2 Presença de alunos com AH/SD em escolas parceiras do PSE e Possibilidades de Atuação

Ao serem questionados sobre a possibilidade de encontrar estudantes com indicadores de AH/SD nas escolas parceiras do PSE, na questão 4, 87,5% dos participantes dizem que Sim, apenas uma ACS e a fonoaudióloga afirmaram que Não. Para ACS e APA, a contribuição que a UBS pode oferecer se dá principalmente no apoio e encaminhamentos para atividades específicas. A participante P4 diz que *“encaminhando para profissionais ou instituições que possam desenvolver essas habilidades”*, dando a entender que talvez a escola não consiga trabalhar as habilidades destes alunos, continuando a P5 acrescenta que: *“Auxiliar no encaminhamento de atividades que contribuam para o desenvolvimento dessas habilidades”*. A participante P10 ainda completa que *“com ações do PSE, por ser informações diferenciadas. A equipe técnica informar a equipe docente sobre as habilidades dos alunos”*. Com um olhar mais ampliado para a questão, a enfermeira P14 diz que *“acredito que temos que modificar nosso olhar pontual para estes estudantes, utilizar uma maior sensibilidade e mostrar aos poucos para a escola que sua didática não é adequada para todos”*, a P15, apresenta um olhar mais clínico para parceria *“acredito que esta colaboração possa ser feita por meio de acompanhamento em consultas (médica, enfermagem) e junto à equipe multiprofissional (psicólogo, fonoaudiólogo, psiquiatra), etc. Podendo ainda encaminhar para serviços de referência”*.

Os demais 12,5% (uma ACS e uma fonoaudióloga), responderam que não é possível encontrar alunos com AH/SD nas escolas parceiras do PSE, a participante P7 fala sobre a realização de algum teste para esta identificação, enquanto P16 registra que *“identificação por parte da escola e ou familiares, porém desconheço na saúde pública algum local onde seja feita a avaliação desses casos”*. Para Azevedo e Mettrau (2010), a identificação dos alunos com AH/SD deve ser feita por professores, colegas, pais e familiares, entre outros. Ao citar “entre outros”, podemos incluir aí o profissional de saúde com o seu olhar, um olhar que não é viciado pelos vieses pedagógicos e que pode colaborar nesta tarefa da identificação destes alunos. Becker (2014), contraria os 12,5% que afirmam não ter alunos com AH/SD nas escolas parceiras do PSE, pois para a autora, a escola é o local mais comum de encontrar alunos com tais habilidades, mas destaca também que podemos encontrar pessoas com AH/SD em qualquer área, inclusive nas instituições de longa permanência para jovens e adultos, como as penitenciárias e também entre os moradores em situação de rua. Para Giacomozzi et al (2012), o fortalecimento desta parceria é essencial para abordar a questão do uso de substâncias lícitas ou ilícitas que acontece cada vez mais cedo entre os jovens, facilitando ações de prevenção e promoção à saúde que sozinha a escola não consegue conduzir.

Durante a revisão bibliográfica desta pesquisa não foram encontradas publicações que abordassem a relação saúde-educação como uma estratégia de enriquecimento curricular dos alunos com indicadores de AH/SD, os trabalhos encontrados abordavam a relação clínica da identificação de patologias e medicalização de alunos com algum transtorno, seja físico ou mental. O único trabalho que apresentou o olhar do profissional de saúde sobre as AH/SD, foi realizado por Rondini, Incau e Martins (2015), que abordaram a identificação de alunos com AH/SD e com Transtornos de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) encaminhados por unidades educacionais para um Ambulatório Regional de Especialidades, ainda assim, o estudo relatou os métodos utilizados por duas médicas e uma psicóloga para definir o diagnóstico de AH/SD ou TDAH.

Silva Júnior, Godoy e Lins (2016), analisaram artigos que apresentavam a interface entre as áreas de saúde e educação como suporte à inclusão escolar publicados entre os anos de 2008 e 2015 nos periódicos Revista de Educação Especial e Revista Brasileira de Educação Especial. Todos os artigos selecionados pelos autores versavam sobre a parceria na inclusão de alunos público alvo da educação especial que apresentavam algum transtorno ou déficit de aprendizagem, mas nenhum dos mais de 20 artigos, abordava a questão dos alunos com AH/SD, mesmo assim, para os autores, há um indicativo de avanço nesta parceria.

Outros trabalhos, como os de Martins et al, Iorio, Chaves e Anache e os estudos de Martins, Pedro e Ogeda, todos publicados no ano de 2016, e as pesquisas de Mendonça, Mencia e Capellini (2015) realizaram vastas investigações em bases de dados de teses e dissertações com produção na área de Educação Especial e localizaram diversos trabalhos que abordavam a questão da identificação de alunos com indicadores de AH/SD, dos instrumentos e estratégias utilizadas para o enriquecimento curricular. Nenhuma referência é feita nestes artigos sobre qualquer tese ou dissertação que tenha focado nas parcerias para o enriquecimento curricular de alunos, tão pouco o Programa Saúde na Escola ou a área da saúde como uma destas possíveis parceiras. Quando a parceria é citada, ela é valorizada somente em relação as universidades, como nos estudos de Leonessa e Marquezine (2016), quando pesquisaram o perfil dos profissionais da unidade de apoio à família dos núcleos de atividades de AH/SD.

## 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

De modo geral, pode-se concluir que o trabalho permitiu verificar que os profissionais da unidade de saúde realizam diversas ações de educação em saúde com alunos e professores das escolas. Os dados apresentados deixam evidente que a UBS pode ser um dos parceiros das escolas nas estratégias de enriquecimento curricular, uma vez que pode trabalhar em parceria com diferentes temáticas, considerando a multiplicidade de saberes que saúde e educação podem abordar.

Vale ressaltar que a parceria entre saúde e educação deve ir muito além da prática clínica focada na medicalização, sendo o PSE um importante meio para esta aproximação saudável entre as duas áreas.

Atualmente, poucos são os estudos nas áreas de AH/SD, sendo importante aprofundar novas pesquisas nestas áreas, principalmente nas relações de parcerias para o enriquecimento curricular e o PSE através das unidades de saúde podem ser importantes aliados neste processo.

Sugere-se que novas pesquisas com um número maior de participantes abordem a interface entre profissionais de saúde e educação na promoção de enriquecimento curricular para todos os alunos e principalmente para aqueles com AH/SD, visto ser de suma importância oportunizar o ensino em todas as áreas e ambientes.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Sonia Maria Lourenço de; METTRAU, Marsyl Bulkool. Altas Habilidades/ Superdotação: Mitos e Dilemas Docentes na Indicação para o Atendimento. **Psicologia, Ciência e Profissão**, Brasília, v. 1, n. 30, p.32-45, 2010.

BECKER, M. A. D. **É possível encontrar talentos nas ruas e instituições prisionais?** Revista Educação Especial. 2014, vol. 27, n. 50, p.689-698.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Saberes e práticas da inclusão: desenvolvendo competências para o atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos com altas habilidades/superdotação**. 2. ed. Brasília: MEC, 2006. 143 p.

\_\_\_\_\_. Decreto nº. 6.286, de 5 de dezembro de 2007. **Institui o Programa Saúde na Escola – PSE, e dá outras providências**. Diário Oficial da União 6 dez 2007.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da educação inclusiva**. Brasília: MEC, 2008. 19 p. Documento elaborado pelo Grupo de Trabalho nomeado pela Portaria nº 555/2007, prorrogada pela Portaria nº 948/2007, entregue ao Ministro da Educação em 07 de janeiro de 2008.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Saúde na Escola**. Brasília: Ministério da Saúde, 2009. 96 p. (Cadernos da Atenção Básica n. 24).

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. **Caderno do Gestor do PSE**. Brasília: Ministério da Saúde, 2015. 68 p.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Censo Escolar 2015**: Brasília: MEC, 2016. 19 slides, color. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=36521-apresentacao-censo-escolar-divulgacao-22032016-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=36521-apresentacao-censo-escolar-divulgacao-22032016-pdf&Itemid=30192)>. Acesso em: 03 jul. 2016.

CHACON, Miguel Claudio Moriel; PEDRO, Ketelin Mayra; KOGA, Fabiana de Oliveira; SOARES, Andrea Alves da Silva. Variáveis pessoais de professores e a inclusão de alunos com altas habilidades/superdotação. **Revista Educação Especial**, v. 30, n. 59, p. 775-786, dez. 2017.

FIGUEIREDO, Túlio Alberto Martins de; MACHADO, Vera Lúcia Taqueti; ABREU, Margaret Mirian Scherrer de. A saúde na escola: um breve resgate histórico. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 14, n. 2, p. 397-402, 2010.

FREITAS, Ana Beatriz Machado de. Pedagogia e saúde na educação de alunos com deficiência: entre antigas e novas inter-relações. **Educativa**, Goiânia, v. 19, n. 2, p. 672-691, 2016.

GIACOMOZZI, Andréia Isabel; ITOKASU, Maria Cristina; LUZARDO, Adriana Remião; FIGUEIREDO, Camila Detoni Sá de. Levantamento sobre uso de álcool e outras drogas e vulnerabilidades relacionadas de estudantes de escolas públicas participantes do Programa Saúde do Escolar/Saúde e Prevenção nas Escolas no município de Florianópolis. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 21, n. 3, p. 612-622, 2012.

GIL, Antônio Carlos. Como Elaborar Projetos de Pesquisa. 5ª Ed. Editora Atlas, 2010.

IORIO, Naila Mattos; CHAVES, Fernanda Ferreira; ANACHE, Alexandra Ayach. Revisão de literatura sobre aspectos das avaliações para Altas Habilidades/Superdotação. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 29, n. 55, p. 413-428, 2016.

LEONESSA, Viviane Tramontina; MARQUEZINE, Maria Cristina. O perfil dos profissionais da unidade de apoio à família dos núcleos de atividades de altas habilidades/superdotação. **Revista Educação Especial**, v. 29, n. 56, p. 653-666, dez. 2016.

LOMBARDI, Antônio Benedito; OLIVEIRA, Aline Emanuele Ferreira; SOUZA, Bianca Emanuelle; LIMA, Bianca Layne Gomes; BARBOSA, Cecília Tavares; SILVA, Danielli Robadel; MONTORO, Mariane Aranjues; DARWICH FILHO, Ricardo Zanóbio. As inconsistências na legislação sobre o Atendimento Educacional Especializado (AEE): uma observação que demanda interdisciplinaridade e intersetorial da educação e da saúde. **Polêmica**, v. 16, n. 4, p. 01-13, dez. 2016.

MARTINS, Bárbara Amaral; PEDRO, Ketilin Mayra; OGEDA, Clarissa Marques Maria. Altas habilidades/superdotação: o que dizem as pesquisas sobre estas crianças invisíveis? **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 20, n. 3, p. 561-568, 2016.

MARTINS, Bárbara Amaral; PEDRO, Ketilin Mayra; OGEDA, Clarissa Maria Marques; SILVA, Rosilaine Cristina; KOGA, Fabiana de Oliveira; CHACON, Miguel Claudio Moriel. Altas Habilidades/Superdotação: Estudos no Brasil. **Journal of Research in Special Educational Needs**, v. 16, n. 1, p. 135-139, 2016.

MENDONÇA, L. D.; MENCIA, G. F. M.; CAPELLINI, V. L. M. F. Programas de enriquecimento escolar para alunos com altas habilidades ou superdotação: análise de publicações brasileiras. **Revista Educação Especial**. 2015, vol. 28, n. 53, p.721-734.

REIS, Verônica Lima dos; RONDINI, Carina Alexandra. **Legislação sobre Altas Habilidades/Superdotação: questionamentos que apontam caminhos**. São Paulo: AVA Moodle Unesp [Edutec], 2014. Trata-se de texto do tipo e-book da semana 2 da disciplina Contextualização e Conceito das Altas Habilidades ou Superdotação do curso de Especialização em Educação Especial (tronco comum) Programa Rede São Paulo de Formação Docente. Acesso restrito. Disponível em: <[http://edutec.unesp.br/moodle/pluginfile.php/85818/mod\\_resource/content/6/Texto%20-%20AHSD%20D02T02/index.html](http://edutec.unesp.br/moodle/pluginfile.php/85818/mod_resource/content/6/Texto%20-%20AHSD%20D02T02/index.html)> Acesso em: 09 dez. 2016.

REIS, Verônica Lima dos; PÉREZ, Susana Graciela Pérez Barrera; FREITAS, Soraia Napoleão. **Enriquecimento Extracurricular**. São Paulo: AVA Moodle Unesp [Edutec], 2014. Trata-se de texto do tipo e-book da semana 2 da disciplina Escolarização do Estudante com Altas Habilidades ou Superdotação do curso de Especialização em Educação Especial (tronco comum) Programa Rede São Paulo de Formação Docente. Acesso restrito. Disponível em: [http://edutec.unesp.br/moodle/pluginfile.php/100208/mod\\_resource/content/15/Texto%20-%20AHSD%20D07T02/index.html](http://edutec.unesp.br/moodle/pluginfile.php/100208/mod_resource/content/15/Texto%20-%20AHSD%20D07T02/index.html) Acesso em: 09 dez. 2016.

RENZULLI, Joseph. Modelo de enriquecimento para toda a escola: um plano abrangente para o desenvolvimento de talentos e superdotação. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 27, n. 50, p.539-562, 2014. Tradução: Suzana Graciela Pérez Barrera Pérez. Título original “The schoolwide enrichment model: a comprehensive plan for the development of talents and giftedness”.

ROLIM, Alan da Silva; BEZERRA, Ana Keyvne Pereira, SOUZA, Cássia Keyve Rodrigues; DUARTE, Sandra Mary. Entendendo a complexidade de crianças com altas habilidades inseridas no âmbito escolar. **Diaphora** Revista da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul, v. 17, n. 1, p. 26-28, dez. 2017.

RONDINI, Carina Alexandra; INCAU, Camila; MARTINS, Raul Aragão. Concepções de profissionais

de saúde sobre altas habilidades e transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH) em crianças. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, v. 13, n. 32, p. 152-170, 2015.

SANTIAGO, Lindelvania Matias de et al. Implantação do Programa Saúde na Escola em Fortaleza-CE: atuação de equipe da Estratégia Saúde da Família. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 6, n. 65, p.1026-1029, dez. 2012.

SILVA JÚNIOR, Samuel Vinente; GODOY, Shirley Alves; LINS, Sarah Raquel Almeida. Interface entre educação e saúde no suporte à inclusão escolar: uma revisão da produção científica publicada entre 2008 e 2015. **Perspectivas em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade**, v. 3, n. 6, p. 121-146, dez. 2016.

SPINK, Mary Jane. **Linguagem e produção de sentidos no cotidiano**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais. 2010.



Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-013-1

